

Mais amor e mais tesão: história da homossexualidade no Brasil

José Gatti entrevista James Green

Quando o historiador James Green veio pela primeira vez ao Brasil, há mais de vinte anos, provavelmente não imaginava que sua vida seria tão tocada por nosso país. Suas relações com o Brasil adquiriram multidimensionalidade: aprendeu português, viajou pelo país, passou vários períodos lecionando em instituições brasileiras, envolveu-se política e emocionalmente. Todas essas experiências lhe dão um currículo que poucos estudiosos estrangeiros do Brasil possuem — Green não apenas viveu o país por dentro, como também se apaixonou pelo Brasil e pelos brasileiros.

Por isso mesmo *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*¹ é uma obra incomum. Poderíamos esperar o estudo distanciado de um acadêmico bem informado teoricamente, mas o livro vai muito “além da academia”, sem pretender distanciar-se de seu objeto. O levantamento minucioso da documentação (que demonstra o treinamento sofisticado do Green historiador e crítico aguçado) se mescla a uma perspectiva afetiva de nossa cultura e nossa história (que revela o Green humano, que não esconde seu entusiasmo pelo Brasil).

As quase quinhentas páginas do livro vão além do registro da subcultura gay no Brasil. Qualquer estudioso da cultura brasileira urbana do século XX vai se beneficiar da garimpagem realizada por Green. As notas bibliográficas dão a dimensão da profundidade da pesquisa. O autor registra costumes, locais, histórias de vida e uma iconografia riquíssima, tomando seu livro uma fonte preciosa para historiadores, antropólogos, estudiosos de comunicação e de literatura. Exemplos disso são as crônicas que faz da Praça Tiradentes ou do Parque do Anhangabaú, tradicionais pontos de encontros gays do Rio de Janeiro e de São Paulo. Green vai levantando camadas de informações, tais como a indústria de entretenimento do local (onde se localizaram os primeiros cinemas do Rio), histórias de repressão policial (tiradas de jornais e boletins de ocorrência), biografias de travestis famosos (como a célebre Panella de Bronze no Rio, ou Zazá, em São Paulo), a linguagem (de onde vêm os termos "fresco" e "viado"?). A topografia sexual dessas cidades vai mudando, e o livro acompanha essas mudanças.

Nos anos 30, o abafamento da vida gay era constante e corria por conta da repressão policial e psiquiátrica. Nos anos 50, entretanto, a visibilidade já despontava como estratégia irreversível nessa história de emancipação. Daí a criação dos primeiros jornais e revistas gays, que proliferaram durante toda a década de 60 e sofreram a repressão da ditadura militar, que recrudescer a partir de 1968. Essa imprensa alternativa foi solidificando as relações sociais entre indivíduos antes bastante isolados. A compreensão desse processo histórico é sem dúvida uma das contribuições preciosas do livro de Green.

A conversa transcrita aqui aconteceu na UFSC, durante a realização do XX Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), em julho de 1999 e contou com a participação de Claudia de Lima Costa, Miriam Pillar Grossi e Carmen Sílvia Rial. Desde aquele momento muita coisa aconteceu no Brasil, no campo da homossexualidade e do homoerotismo. A realização da Parada do Orgulho Gay, em junho de 2000 em São Paulo, será um marco dificilmente esquecido por todos aqueles interessados em questões de visibilidade e manifestações culturais: mais de 120 mil pessoas realizaram uma passeata festiva e pacífica, demonstrando que nem os meios de comunicação nem a academia poderão continuar ignorando a existência dessa comunidade. Será comunidade o termo mais adequado para categorizar esse grupo humano? Esse é um dos assuntos tocados nesta conversa.

José Gatti: Qual é o eixo central do seu livro, *Além do Carnaval*?

James Green: O livro é uma história social da homossexualidade masculina, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Gostaria de ter feito uma coisa sobre o Brasil inteiro, mas para mim seria um projeto quase impossível de realizar neste momento. Mas acho que surgirão pesquisas regionais e daqui a 10 anos imagino que alguém poderá fazer um trabalho muito superior ao meu, integrando a realidade nacional de uma maneira mais coerente. A minha pesquisa começa no século passado, principalmente no Rio de Janeiro e concentra-se na *Belle Époque* num primeiro momento, combinando uma análise sobre o discurso médico legal, que começa a aparecer a partir de 1872. É interessante que o discurso médico do século passado no Brasil teve uma ligação muito forte com a realidade da produção acadêmica européia. Na Europa a produção acadêmica sobre o homossexualismo, sua medicalização, inicia-se em 1869, com a invenção do próprio termo "homossexual". Mas desde então já havia uma preocupação com a questão da sodomia, entre pederastas "passivos" e "ativos" — duas palavras-chave — preocupação esta também refletida em um mapeamento inicial da sífilis feito por médicos brasileiros. Esses médicos mencionam principalmente a prostituição feminina, mas também os homossexualismos. Fazem um mapeamento da cidade e dos lugares de encontros, explicitando as características das pessoas. Tinha muito interesse em saber sobre os lugares de sociabilidade pública. Depois tem outro trabalho, de 1894, intitulado *Atentados ao Pudor*, escrito por um jurista, Dr. Viveiros de Castro, que está mais atento para a realidade da produção européia. No livro ele anuncia um romance que vai sair, sobre homossexualismo, que é *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado em 1895. O próprio Adolfo Caminha, numa resposta aos críticos de seu livro *O Bom Crioulo*, vai usar a palavra homossexual, porque ele está em contato com essa produção européia.

É verdade que a produção acadêmica até os anos 60 e 70 deste século é a de reproduzir, copiar, sem elaboração sofisticada, as teorias européias de uma maneira muito eclética. Eu acho que o Brasil não tem sempre que importar teorias de fora e tentar encaixá-las na realidade brasileira, mas a tendência da produção acadêmica, desde o século XIX, era copiar e aplicar as idéias européias e depois as americanas.

Nos anos 30 há uma produção sobre o homossexualismo imensa, inclusive temos o primeiro trabalho

brasileiro sobre o lesbianismo — escrito por um médico, Antônio Carlos Pacheco e Silva. O artigo, "Um interessante caso de homossexualismo feminino", foi publicado em 1939 na revista *Arquivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*. O trabalho incluía fotos de uma lésbica negra, vestida de homem e vestida de mulher, que freqüentava a clínica dele em São Paulo.

Enquanto estava fazendo pesquisa sobre o discurso médico no fim do século XIX e no começo do século XX, comecei a procurar outras fontes históricas que representavam imagens do homossexual brasileiro. Revisando as revistas publicadas no Rio de Janeiro encontrei caricaturas do começo do século, da *Belle Époque*, que mostrava as várias maneiras como os intelectuais projetavam o homossexual como homem efeminado, vestido com roupa masculina, mas com um estilo exagerado. Também revisei processos legais que tinham uma linguagem específica para indicar práticas homossexuais. Estava muito interessado em entender a linguagem da época, o espaço ocupado e as reações da elite ao homossexualismo, porque é difícil saber das reações populares, há poucos casos registrados.

O primeiro capítulo do livro faz um mapeamento do Rio de Janeiro daquela época, quando o espaço privilegiado é a Praça Tiradentes, o lugar onde os homossexuais se juntavam para fazer pegação. E nessa história toda descobri o primeiro conto pornográfico homossexual no Brasil, publicado em 1914 pela revista *Rio Nu* (que era uma revista pornográfica), com um desenho de dois homens trepando! Era uma revista dirigida ao público predominantemente heterossexual, mas publicaram uma série de contos eróticos sobre vários temas, como bestialidade, masoquismo. O número seis chamava-se *O menino do Gouveia*

José Gatti: *O menino do Gouveia?*

James Green: Sim, descobri recentemente que a palavra *gouveia* era uma gíria para os homens que gostavam de meninos. No livrinho o Senhor Gouveia tem um namoro com um menino, por isso o título *O menino do Gouveia*. Esse jovem, o menino do Gouveia, foi expulso de casa porque tentou transar com o tio. Ele se ofereceu para o tio, o tio ficou furioso e o expulsou de casa. Ele anda nas ruas do Rio procurando ter relações com alguém e termina no Largo do Rossio, hoje em dia chamado Praça Tiradentes. Um senhor se senta ao lado dele, começa a conversar, faz pegação, leva ele para um cinema e depois para transar.

José Gatti: Ele leva o menino para o cinema: quer dizer o cinema também já era um espaço de sociabilidade homossexual nessa época?

James Green: Sim, já era, especialmente na Avenida Rio Branco, e também perto da Praça Tiradentes. O cinema Íris, que fica entre o Largo da Carioca e a Praça Tiradentes, até hoje é um lugar onde passam filmes pornô, mas já era um lugar de pegação desde o começo do século. É uma coisa impressionante.

José Gatti: A pegação nesse caso não era um sintoma da decadência do cinema, pois quando o cinema estava nascendo já era um lugar com essa função?

James Green: E era importante. Então, o primeiro capítulo de meu livro cobre essa parte, essa situação no Rio e também fala sobre João do Rio, o famoso jornalista que andava nas ruas fazendo pesquisa jornalística pela noite, mas por motivos pessoais também. João do Rio é o primeiro jornalista que vai para as favelas, para as zonas mais pobres, para o candomblé, buscando conhecer essa realidade. Ele não pertencia à elite, mas se apresentava como pessoa da elite, bem vestido. Ele escreveu suas observações sobre os diversos *demi-mondes* do Rio nos livros *A alma encantadora das ruas* e *As religiões no Rio*. Para a homossexualidade masculina o espaço público era fundamental, porque não havia outra maneira de encontrar parceiros. Havia casas de pensão e bordéis, onde se podia levar alguém eventualmente, mas não havia bares ou restaurantes exclusivamente para os homossexuais.

José Gatti: E as mulheres, tinham um outro espaço?

James Green: Quando comecei meu trabalho, queria muito fazer uma história sobre as lésbicas também, porque realmente não há nenhum trabalho adequado sobre isso no campo da história social. Há trabalhos como do Luís Mott, *O lesbianismo no Brasil*, que é um começo importantíssimo, mas ainda falta muita pesquisa sobre a vida das mulheres brasileiras que amavam e se relacionavam sexualmente com outras mulheres. Na minha tese de doutorado até havia incluído as lésbicas numa primeira proposta, mas uma conhecida lésbica me disse que não conseguiria "fazer isso de forma politicamente correta". Ela tinha razão, porque o mundo das lésbicas é muito mais limitado, elas têm muito menos acesso à vida pública; não podem nem se encontrar nas ruas. Então a vida social era muito mais fechada, com

as pessoas basicamente da classe média, com uma certa independência econômica, e que organizavam festas com suas amigas em suas próprias casas. É uma realidade muito comum até hoje. As mulheres mais pobres eram obrigadas a adotar um gênero masculino como única opção para conquistar um espaço, pois a sua condição econômica não permitia construir uma vida privada, clandestina, fora do olhar da família e do bairro. As mulheres masculinizadas, agressivas e bravas lograram impor um certo respeito na esfera pública, o que lhes permitia sobreviver dentro de sua comunidade.

José Gatti: Há as mulheres que ficaram famosas, como a Chiquinha Gonzaga.

James Green: Ela era heterossexual, mas tinha casos amorosos com mulheres. Estou numa campanha constante, há 25 anos, com todas as mulheres que conheço, com as historiadoras, com pessoas do movimento, para incentivar alguém a fazer essa história. Mas que não seja um trabalho mecânico que conclui "bom, ela não casou então é lésbica" ou "mulher vestida de homem é lésbica."

José Gatti: Então em termos de homossexualidade a gente pode até imaginar que havia uma diferença entre homens e mulheres. Os homens estavam mais ligados ao espaço público e as mulheres mais ao espaço privado, mas muitas vezes elas tinham que assumir aí um papel de gênero que é ligado ao espaço público para poder exercer sua sexualidade também com as outras mulheres.

James Green: Claro. Sem fazer um trabalho específico sobre esse assunto descobri coisas interessantes, como o caso de duas mulheres em 1962 no Rio de Janeiro: uma delas se vestia de homem, tirou documentos falsos de homem e se casou com uma mulher no cartório. Tenho as fotos, que saíram no jornal *Última Hora*.

José Gatti: Interessante que essa foto, para a *Última Hora*, era para ilustrar um caso de flagrante da polícia. Mas elas estavam felizes na foto!

James Green: É! Eu acredito, por exemplo — só para fechar essa questão das mulheres — que tem muito material aqui no Brasil para ser pesquisado. É só alguém tentar fazê-lo com uma metodologia séria e com a paciência necessária para procurar as fontes, que estão espalhadas nos diversos lugares.

José Gatti: Vamos falar um pouco de sua metodologia em relação ao livro. Como é que você definiria seus marcos teóricos, a metodologia que você empregou?

James Green: Eu acho que a maioria dos pesquisadores das relações de gênero atualmente concorda que a sexualidade é socialmente construída, é variável, depende da época etc. Podemos também falar sobre homossexualidade antes de 1869, quando esse termo estava sendo cunhado, pois existia uma subcultura, uma vivência homoerótica anterior a sua medicalização. Minha conclusão, sobre o Brasil, é que já existia no século XIX uma subcultura masculina, pelo menos no Rio de Janeiro e com certeza em outras cidades, onde as pessoas eram tachadas como marginais pelo comportamento, comportamento não somente sexual, mas também em termos de roupa, de linguagem. O que já é uma noção de uma pessoa, uma essência — uma pessoa que tem uma essência homossexual ou uma identidade homossexual. Na Inquisição nos séculos XVII e XVIII, há o registro da presença de pessoas com comportamento homoerótico — que era chamado de sodomia. Essas pessoas foram perseguidas, chamadas de putos, fanchonos e outros termos. Porém, acho que no Brasil uma subcultura de putos constrói-se somente no século XIX.

José Gatti: Então a noção de subcultura talvez seja um caminho melhor para a gente entender esse fenômeno?

James Green: Eu acho que sim, sem dúvida. E o discurso médico vai transformando esse sujeito, vai criando um novo sujeito na medida em que as pessoas têm contato com os médicos, num processo lento, mas que se espalha pela sociedade. Os médicos vão transformar a noção popular sobre o homem efeminado, o puto, o sodomita em um sujeito que é patologicamente doente. Os médicos inventam então uma terminologia — o pederasta passivo — e a associam a uma série de características a essa pessoa. Essas novas categorias, teorias e noções dos médicos se espalham pela sociedade, transformando as idéias populares sobre a homossexualidade.

José Gatti: Além de buscar incentivar a pesquisa, principalmente em relação à homossexualidade feminina, você também sugere que deveria haver uma pesquisa sobre a etimologia, o léxico desta subcultura?

James Green: É muito difícil, não sei como os antropólogos fazem isso, mas é fundamental para entender essa subcultura. Eu tentei mapear quando surgem algumas

palavras que são índices de transformações. O exemplo da palavra *bicha* é interessante. Em 1938, um grupo de estudantes do Instituto de Criminologia, em São Paulo, fez um trabalho (imagino que de fim de curso) que incluía entrevistas com homossexuais no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. "Pederastas passivos" é a expressão que eles usaram para esses homens.

Para contextualizar melhor esse estudo, vemos que a Revolução de 30 trouxe uma reorganização da polícia civil do Distrito Federal. O diretor do Instituto de Criminologia e de Identificação era um médico que reorganizou o Laboratório de Criminologia. Eles fizeram várias pesquisas influenciadas pelas teorias do criminologista italiano Cesare Lombroso, medindo os corpos de criminosos negros e homossexuais para provar que havia uma relação entre o desenvolvimento físico da pessoa e seu comportamento. No caso dos homossexuais, em 1932 mandaram prender 195 "pederastas" para provar uma ligação entre as características físicas observadas e os supostos desequilíbrios endócrinos em seus objetos de estudo. Em 1935 o diretor da pesquisa, Dr. Leonídio Ribeiro, ganhou o Prêmio Lombroso em Turim, na Itália. Seu trabalho estimulou, nos anos 30, uma série de pesquisas sobre homossexualidade, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo.

Esses estudantes paulistas faziam parte desse grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo dedicados à questão da homossexualidade. Eles publicaram uma lista de gírias, e uma das palavras é *bicha* que significava "pederasta passivo". Outra expressão da época era *bicha bacana*, que é um "pederasta" rico. Essa linguagem é muito interessante porque há várias teorias sobre a origem da palavra *bicha*, mas para mim parece ser uma palavra que vem de dentro do meio e que nos anos 50 foi apropriada pelas pessoas machistas da sociedade e jogada *contra* os homossexuais.

José Gatti: Disso há uma culminância no final dos anos 60, com os festivais de música. Quando as pessoas não gostavam do cantor ou estavam torcendo por uma outra música, as torcidas organizadas gritavam "bicha, bicha".

James Green: Exatamente. Substituiu a palavra *viado* como expressão pejorativa. Não se sabe porque surgiu a palavra *bicha*, mas uma possibilidade é que as pessoas desse submundo se apropriaram da palavra francesa, *biche*, que é a fêmea do veado, e também uma expressão carinhosa, como variação da palavra *viado*, que já é uma expressão pejorativa associada aos homossexuais nos anos 20.

José Gatti: Queríamos saber mais claramente a sua posição teórica sobre se os estudos de gênero devem incluir estudos sobre homossexualidade, gay, lésbica, ou se devem ser coisas separadas.

James Green: Você não pode estudar homossexualidade sem entender gênero, porque homossexualidade é um confronto direto com noções de gênero construídas dentro da sociedade. As lésbicas que não reproduzem os padrões tradicionais da mulher passiva, ou os gays que não se encaixam nas normas masculinas, entram em choque com a organização da sociedade patriarcal e com a família tradicional.

José Gatti: Já que estamos passando do livro para a militância, qual a especificidade do movimento homossexual no Brasil?

James Green: Eu tenho certeza absoluta, pelas mobilizações sociais e as transformações culturais e sociais dos anos 60 a nível mundial, que se o governo Costa e Silva e o governo Médici não estivessem no poder, se não tivesse havido a ditadura militar no Brasil, o movimento gay e lésbico aqui teria surgido já em 1970, num primeiro momento. Porque existia toda uma subcultura gay em formação e uma contracultura brotando que já começavam a questionar os papéis rígidos de masculinidade e femininidade. Caetano Veloso, os Dzi Croquettes, Ney Matogrosso expressavam uma transformação cultural acontecendo no Brasil. Contudo, no começo dos anos 70 essas mudanças culturais e sociais não podiam manifestar-se politicamente de forma mais explícita, ou seja, não havia as condições necessárias para os gays e as lésbicas brasileiras se organizar num movimento político para enfrentar o preconceito contra a homossexualidade no Brasil.

José Gatti: Então o processo foi abortado?

James Green: Foi abortado pela repressão. O movimento feminista surge no Brasil em 1973 e atua nos anos seguintes, mas o processo de abertura é lento, conhecemos muito bem essa história. É o movimento feminista que tentará abrir um espaço de crítica ao machismo brasileiro, um espaço que é fundamental e paralelo ao movimento especificamente gay e lésbico, que surge a partir de 1976 e concretiza-se em 1978, com o Jornal Lampião, o Grupo Somos, e logo depois o Grupo Lésbico-Feminista.

No primeiro momento esse movimento enfrenta forte resistência de setores da esquerda brasileira e, com raras

exceções como o Grupo Gay da Bahia, a maioria dos grupos não conseguiu sobreviver. Nesse período, algumas ativistas lésbicas procuram um espaço dentro do movimento feminista. E logo depois surgem a AIDS e a necessidade de responder à nova onda de homofobia provocada pela paranóia em relação a essa doença. A resposta de muitos ativistas é buscar apoio na formação de ONGs que podem conseguir apoio financeiro nacional e internacional para educar a população, e especialmente os gays, sobre o HIV. A experiência acumulada de trabalhado com a AIDS e a participação de uma nova geração de ativistas no PT e nos movimentos populares nos anos 80 ajudaram a revitalizar o movimento gay-lésbico no começo dos anos 90. A possibilidade de conseguir recursos do estado para trabalhar na prevenção da AIDS também facilitou a abertura de sedes e de outros espaços que gays, lésbicas e travestis podiam utilizar para a organização política.

O movimento brasileiro ainda não é um movimento de massa se você o compara com o movimento gay e lésbico americano. No Brasil há 60 grupos organizados. Nos Estados Unidos existem *muito mais de 10.000 grupos*. Muitos têm um caráter social, fazendo um trabalho de afirmação da homossexualidade como opção sexual. A visibilidade, a luta pelo direito de ocupar o espaço na sociedade assume um caráter político. Já existe uma noção generalizada entre os gays americanos da importância de assumir-se como ato político, como parte das transformações sociais que acontecem.

Para mim é muito interessante que no Brasil haja um discurso entre os gays *contra* a idéia de assumir! Acho que ninguém debate contra a visibilidade nos Estados Unidos. Aqui muitos gays dizem: "Por que tenho que anunciar sempre em tudo quanto é lugar que sou gay? Isso é uma coisa privada, só minha". Para mim, o movimento americano conseguiu sua massificação justamente por seguir uma ideologia que valorizava o ato de assumir-se no trabalho, na família, na igreja, na universidade, entre amigos e conhecidos. Essa atitude de assumir-se em tudo quanto é lugar facilitou a formação de milhares de organizações políticas e sociais e as mobilizações de milhões de pessoas nos últimos vinte e cinco anos.

No Brasil, o movimento é muito reduzido, mas por outro lado tem apresentado situações fantásticas, fascinantes. O que são os grupos de travestis organizadas? Uma articulação de travestis como agentes políticos! Elas realmente aproveitam todas as dificuldades e entram em brechas para abrir um debate nacional sobre a questão. Então mesmo não sendo um movimento de massa, são um movimento

de vanguarda (e mesmo sendo um movimento de mil pessoas a nível nacional), o movimento no Brasil consegue ter um diálogo nacional impressionante! O projeto de Marta Suplicy sobre a parceria civil, que não conseguiu mobilizar nem o movimento de gays e lésbicas num apoio mais ativo, acabou virando um grande debate a nível nacional, que abriu um espaço do Solimões ao Rio Grande do Sul. Isso é maravilhoso para um movimento!

José Gatti: E isso você acha que é um fenômeno brasileiro?

James Green: É um fenômeno do movimento brasileiro, de saber como aproveitar a situação com recursos limitados. Com o medo das pessoas de se assumir, com uma certa resistência ao ativismo, num clima de contracorrente para os movimentos sociais, com as crises econômicas no país, com tudo isso as pessoas estão aproveitando e criando essas muitas coisas lindas. É diferente e superbonito.

José Gatti: Já que estamos na comparação, tomemos a parceria civil. Nos Estados Unidos há projetos similares. Qual a mobilização social? A mobilização da parceria civil é central hoje na França e em vários outros países da Europa. Não me parece que haja um equivalente, por exemplo, nos Estados Unidos.

James Green: Sim e não. Existe um movimento amplo para conseguir parceria civil nos benefícios médicos oferecido pelo plano de saúde no emprego. Muitas grandes companhias já dão esses benefícios a seus funcionários. Contudo, a ideia de casamento entre dois homens ou duas mulheres ainda enfrenta grande resistência.

José Gatti: Deixe-me fazer uma observação. Parece-me que a chamada parceria doméstica (*domestic partnership*) é muito mais antiga. Já é uma luta de uns 20, 30 anos nos Estados Unidos e principalmente porque lá a questão do casamento é diferente da do Brasil. No Brasil você vê muito mais concubinato do que nos Estados Unidos, não é? Nos Estados Unidos, quando você se casa tem muitas vantagens financeiras em relação ao Estado (quanto aos impostos etc). Isso faz com que a parceria doméstica lá seja uma luta muito mais consolidada.

James Green: Inclusive nesse trabalho de gays e lésbicas no meu sindicato no condado de Los Angeles — que é de funcionários públicos — 55 mil trabalhadores conquistaram

parceiras domésticas. Primeiro com plano odontológico, depois com planos de saúde e agora com uma série de outros benefícios. Então essa é uma conquista em muitas cidades que dão esses benefícios, como São Francisco. Lá, há vários anos, fizeram uma lei dizendo que nenhuma companhia que não oferecesse esses benefícios poderia ter contrato com a cidade. Houve até o caso de uma companhia aérea que não quis ceder e quase perdeu seus direitos de aterrissar no aeroporto de São Francisco. Acabou cedendo. Coisa impressionante!

José Gatti: Para você ver as diferenças do Brasil e dos Estados Unidos, eu fui casado por cinco anos com um rapaz aqui em Florianópolis e para obter o plano odontológico e o plano de saúde, eu simplesmente fui no sindicato dos professores daqui e reivindiquei que ele tivesse plano junto comigo e com a minha filha. Quando perguntavam ali "relações de parentesco" para ela, colocava *filha* e para ele, *parceiro*. Nunca ninguém contestou nada! Ele teve acesso normal aos serviços médicos e odontológicos. Então isso, de uma certa forma, é tolerado, mas fica submerso, não é uma bandeira, não é o que possa beneficiar outras pessoas para lutar em outros setores.

James Green: Essa tolerância existe, eu sei, mas uma coisa que sempre digo para as pessoas que são antipolíticas é que elas não percebem como o movimento nacional tem transformado o Brasil. E mesmo uma bicha alienada que vai para a boate, que acha que o movimento gay é chato não percebe que a própria boate é um espaço conquistado pelo movimento, direta ou indiretamente. Quer dizer, é muito mais complicado, não é uma coisa direta, mas é importante. A mesma coisa aconteceu com o movimento feminista. A luta das feministas abriu um espaço fundamental para que os gays e as lésbicas pudessem organizar seu próprio movimento social. Quando eu militava no grupo Somos, entre 1978 e 1981, sempre insistia que os estudantes e os trabalhadores nas suas lutas contra a ditadura nos ajudassem no sentido de criar um espaço político para podermos começar nossa própria organização. O movimento sindical — que enfrentou a política econômica da ditadura em 1978, 1979 e 1980 com as greves gerais do ABC — ajudou a conquistar a democracia no país. Por isso defendia a participação do movimento homossexual no Primeiro de Maio de 1980, dia da solidariedade com a greve geral, que era para enfrentar a ditadura militar. E o movimento enfrentou. Perdeu a greve, mas conseguiu a passeata de 200 mil

peessoas, que foi fundamental no processo de democratização do país.

José Gatti: Foi nessa época que houve um desfile de gays e lésbicas como parte de uma grande concentração de lideranças sindicais no Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo.

James Green: Isso. Quando entramos no Estádio o público aplaudiu o nosso contingente. Talvez algumas pessoas aplaudiram por ter achado engraçado, "temos bichas, temos sapatões, aqui hoje com a gente". Mas acho que muitas pessoas entenderam que nossa presença representava o caminho para a democracia e o fim da ditadura. Nossa participação também indicava que o movimento gay e lésbico podia desfilhar na rua, em plena luz do dia, no ABC, entre trabalhadores, e não apanhar!

José Gatti: Até chegarmos à passeata de São Paulo, em 1999.

James Green: Para quem participou na primeira passeata de 800 pessoas, em junho de 1980, contra a repressão policial no centro da cidade, a passeata de 1999 foi uma coisa impressionante. Mas eu já posso ouvir um debate em certos setores dizendo que foi "uma coisa festiva, carnavalesca, com pessoas, homens, dançando de sungal". Na verdade, sei que ninguém foi lá só para ver os meninos que estavam ali, gostosos, muito interessantes, mas foram porque *entenderam* a necessidade de se ter visibilidade. É um salto de consciência formidável em São Paulo! Acho que foi maravilhoso e só não houve mais gente porque o movimento é muito incipiente.

José Gatti: Voltando a sua trajetória de vida e intelectual. O que você fazia no Brasil nos anos 70? Fale um pouco mais de sua história.

James Green: Minha história com o Brasil é curiosa: eu era ativista contra a guerra no Vietnã (venho de uma família pacifista). No processo de politização, já era antiliberalista no começo dos anos 70. Eu me envolvi com um grupo de latino-americanos e norte-americanos, solidários com os problemas na América Latina. Ali conheci um grupo de brasileiros que estavam fazendo campanha contra a ditadura militar.

José Gatti: Isso em que ano?

James Green: Conheci o grupo em janeiro de 1973, no mesmo mês em que assumi minha homossexualidade, em Filadélfia. O *Gay Activist Alliance* estava anunciando uma manifestação em frente a um bar gay que discriminava lésbicas, travestis e negros, pedindo três carteiras de identidade, quando só exigiam uma para gays brancos da classe média. Eu nunca tinha entrado num bar gay na minha vida e fui lá, protestei e depois me perguntei "bom... e como é o bar?" Então entrei no bar e decidi me assumir.

Logo depois conheci esse grupo de brasileiros e acabei me envolvendo com o Brasil. Denunciamos a tortura no Brasil e paralelamente trabalhei no movimento gay e lésbico. Em setembro de 1973 houve o golpe militar no Chile. Fui o fundador do Comitê Nacional de Solidariedade com o Chile. Em 1974 mudei de Filadélfia para São Francisco e continuei participando tanto no movimento gay quanto no movimento em solidariedade com a América Latina. Em 1975 organizei uma coisa maravilhosa, que foi uma noite de solidariedade gay e lésbica com a resistência chilena. Nós juntamos 350 pessoas em São Francisco numa noite cultural em solidariedade com o Chile. Acho que foi a primeira atividade política do movimento gay e lésbico norte-americano em apoio aos gays e às lésbicas da América Latina.

Em 1976 resolvi conhecer a América Latina. Viajei com uma amiga brasileira e entramos no Brasil pelo rio Solimões. Conheci o Brasil pelo norte e nordeste e amei. Quando veio a abertura política, comecei todo um processo de participação. Tive a sorte de ser convidado e de poder colaborar com grupos de oposição à ditadura militar. Fui também um dos fundadores do primeiro grupo gay no país, o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual. Portanto, participei da esquerda, do movimento estudantil e do movimento homossexual, tentando fazer essa ponte entre os movimentos. Fiquei aqui até 1982.

Quando voltei para os Estados Unidos, trabalhei durante sete anos com imigrantes mexicanos e centro-americanos na comunidade latino-americana, organizando e ajudando essas pessoas, a maioria indocumentados, a reivindicarem seus direitos. Continuei também trabalhando no movimento sindical como funcionário público.

Em 1988, resolvi voltar para a universidade. Na verdade, pensei: "como consigo voltar para o Brasil? Ah, já sei! Como acadêmico!" (risos). Então entrei na universidade e fiz um mestrado em Estudos Latino-Americanos na Universidade do Estado da Califórnia em Los Angeles. Os professores do programa me chamaram para ser membro

do Conselho Editorial da revista *Latin American Perspectives*, onde publiquei um artigo sobre a história do movimento gay no Brasil. Depois fiz doutorado na Universidade de Califórnia em Los Angeles e resolvi escrever sobre essa história social gay no Brasil porque ninguém o tinha feito. Entre outras coisas, queria entender como os vários setores sociais conviviam no espaço público da Praça Tiradentes. Era um espaço da boêmia da Lapa, do teatro de revista, da prostituição, dos homossexuais. Mas também era um espaço utilizado por pessoas de elite, da burguesia, que freqüentavam o teatro São Pedro. Queria entender como conviviam esses setores sociais neste espaço público. Para mim era uma maneira de entender as relações de classe, gênero e raça no Rio de Janeiro.

José Gatti: Interessante, porque isso também vai um pouco pela geografia urbana.

James Green: É, trata-se de uma maneira de se obter um perfil da cidade, privilegiando um lugar que era um cruzamento de vários setores sociais.

José Gatti: Comparando um pouco São Paulo e Rio de Janeiro (São Paulo, cuja geografia você conhece bem) com as cidades americanas, penso, por exemplo, em Nova York, com um espaço tão segregado, tão nitidamente dividido. É um lugar, é outro, existe uma configuração mais nítida. Você acha que no Brasil essas categorias se misturam geograficamente?

James Green: As pessoas sempre observam que não existe gueto aqui no Brasil. Ao contrário, argumentam: "que bom que não existe gueto aqui, pois as pessoas então têm todo o espaço urbano". Mas acho que existiam, de uma certa forma, não exatamente guetos, mas espaços bem nítidos no Rio e em São Paulo, onde muitos homossexuais moravam. O centro de São Paulo, como sabemos, é um lugar privilegiado para homens e mulheres independentes, por vários motivos, um deles é que possibilita uma vida noturna que é importante para a sociabilidade. São apartamentos pequenos, que uma pessoa pode alugar. Uma jovem pode sair da casa familiar e, sem estar casada, ir morar nessa zona, onde há mais aceitação ou menos indiferença. Há tantas pessoas que ninguém liga.

José Gatti: É o anonimato.

James Green: Exatamente. Então isso acontece, num primeiro momento, em vários lugares do centro. No Rio

também, na Lapa e perto da Praça Tiradentes, e depois em Copacabana, nos anos 50. Agora, no Rio é muito mais espalhado, mas Copacabana ainda é um lugar privilegiado porque tem apartamentos mais baratos para as pessoas de classe média e média-baixa que querem uma independência e que desejam morar em uma zona mais próxima da ação homoerótica.

José Gatti: Vamos falar um pouquinho de discurso: você está dizendo que muitas pessoas acham que "aqui no Brasil não tem gueto". E nos Estados Unidos talvez haja até guetos, mas existe uma palavra que é usada freqüentemente e que se refere às minorias, não só sexuais, que é a palavra *comunidade*. No Brasil não estamos acostumados a usá-la. Essa palavra de uma certa forma é agregadora das pessoas.

James Green: Nos Estados Unidos existe essa noção de comunidade que é construída, mas que também reflete uma realidade. Acho que você tem razão. A situação no Brasil é diferente. Na minha pesquisa aqui no Brasil descobri que os homossexuais masculinos, e com certeza muitas lésbicas, construíram famílias alternativas, de apoio, redes de amigas e amigos em tempos que eram fundamentais para sua sobrevivência psicológica e até econômica e social. Claro que em muitos momentos a família tradicional aceitava em silêncio, talvez pelos laços familiares, talvez por interesses econômicos, ter um filho ou uma filha ajudando no sustento da casa. Então a família não expulsava. Outras famílias expulsavam as pessoas. E agora há os que realmente aceitam os filhos, as filhas, sem nenhum problema. É uma mudança muito grande.

Uma das tarefas principais do historiador é procurar, buscar no passado, elementos do homoerotismo sem essencializar as pessoas e as coisas. Ou seja, como disse antes, um homem que é solteiro, nunca casou, não é necessariamente homossexual. Se uma mulher se veste de homem, como a Maria Quitéria, não é necessariamente uma lésbica. Pode ser que sim, pode ser que não. Lógico que é interessante saber disso, mas acho muito mais interessante entender como as pessoas que desejaram pessoas do mesmo gênero construíram suas vidas. Para mim é fascinante, quero muito saber sobre a vida lésbica. Por exemplo, o Ferro's Bar, perto da praça Roosevelt, em São Paulo, é um espaço conquistado pelas mulheres, num determinado período, nos anos 60. Quero entender esse processo, quero saber como foi. E havia espaços no Rio de Janeiro também que as mulheres ocuparam num

determinado momento. Acho fascinante entender isso, assim como entender uma série de outras questões. Por exemplo: tantas cantoras brasileiras que são lésbicas e não assumidas... Qual foi esse processo? Ninguém analisou isso. Não conheço nenhum trabalho analisando a Maria Bethânia, a aceitação dela, a não-aceitação dela.

José Gatti: Interessante que sua visão é bastante Interdisciplinar: é etnografia urbana, é geografia humana, história social, estudo de cultura.

James Green: Mas não há outra maneira de trabalhar com essas questões. A única maneira de entender a vida das pessoas é investigar as pessoas em seus vários aspectos, sociológicos, antropológicos, históricos etc.

José Gatti: Falando sobre as etnografias urbanas, gostaria que comentasse um pouco, por exemplo, o trabalho do Hélio Silva sobre travestis e o do Nestor Perlongher sobre os michês de São Paulo.

James Green: São trabalhos importantes e pioneiros. Mas existem antecedentes. Por exemplo, descobri na minha pesquisa que, em 1959, um jovem sociólogo, chamado José Fábio Barbosa da Silva, resolveu fazer um trabalho de mestrado na USP sobre homossexualismo masculino. Ele publicou seu trabalho na revista *Sociologia*, aquela revista do Florestan Fernandes. Quem estava na banca de tese do mestrado dele eram Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes e Otávio Ianni. E esse jovem sociólogo fez um trabalho muito interessante, o primeiro estudo moderno sobre a homossexualidade no Brasil, que não a vê com preconceito. Se Barbosa da Silva for o "avô" dessa linha de pesquisa, o antropólogo Peter Fry seria um dos pais. Ele treinou uma geração de pesquisadores como Néstor Perlongher, Edward MacRae e Carmem Dora Guimarães. Eles representam uma geração de pessoas que realizam um trabalho muito importante, que serviu de base para o que estou escrevendo, a que outros darão continuidade. Hélio Silva, Luiz Mott e Richard Parker estão entre as outras pessoas que deram uma colaboração importantíssima para a pesquisa sobre a homossexualidade no Brasil.

Agora está se formando um grupo de trabalho de história e homoerotismo na Associação Nacional de Professores Universitários em História (ANPUH), que será um Grupo de Trabalho Nacional.

José Gatti: Já existe o grupo de literatura e homoerotismo que se reúne lá em Niterói, na Universidade Federal Fluminense. Na Socine — Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema — já existem alguns grupos.

James Green: Existem pessoas lidando com a mesma coisa em outras entidades, e imagino que eventualmente na ANPOCS acontecerá a mesma coisa.

José Gatti: Você é otimista, então?

James Green: Ah! Totalmente! Acho que a nova geração de acadêmicos produzirá coisas que irão muito além do trabalho feito até agora.